

ATUAÇÃO DA IRMANDADE DO ROSÁRIO EM JACUÍ: análise dos óbitos de irmãos associados à irmandade negra de N. S. do Rosário da Freguesia de Jacuí (1769-1800)

Alessandra S. Vieira*; Tarcísio de S. Gaspar**

RESUMO

A pesquisa estudou a irmandade negra de N. S. do Rosário dos Pretos existente na Freguesia de Jacuí no último quarto do século XVIII. Para tanto, valeu-se de 211 registros de óbito de defuntos que vieram a ser sepultados na capela do Rosário, erigida e administrada por essa confraria, expedidos entre os anos de 1769 e 1800. Demonstrou-se que essa irmandade desempenhou importante papel na assistência aos irmãos negros falecidos e a seus familiares, fossem escravizados, forros ou livres. Os sepultamentos realizados envolveram confrades negros de distintas origens e condições, com predominância de crioulos e centro-africanos, mas também contou com a participação de africanos ocidentais. A prestação de diversos serviços fúnebres importantes, como o acompanhamento dos corpos e o recebimento de sacramentos, foi uma marca característica da confraria. O estudo revelou ainda que a irmandade incumbia-se de outras atividades importantes, como as festas de coroação de rei negro.

PALAVRAS-CHAVE:

Escravidão; irmandade negra; século XVIII; rei negro;

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho analisou os registros de óbitos da Capela do Rosário dos Pretos da Freguesia de Jacuí, fundada e mantida pela Irmandade de N. S. do Rosário, no século XVIII, com a finalidade de traçar o perfil dos confrades sepultados e compreender aspectos importantes do funcionamento e da atuação da confraria a partir desses registros documentais.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Foram transcritos e estudados 211 registros de óbito de pessoas sepultadas na referida Capela do Rosário em Jacuí, templo religioso fundado e mantido pela Irmandade de N. S. do Rosário na mesma paróquia. O período considerado foi o último terço do século XVIII, entre novembro de 1769 e dezembro de 1800. Todos os registros foram consultados por meio de fotocópias digitais, disponíveis na internet, feitas a partir dos originais. Com base nesse acervo, procedeu-se à análise quantitativa dos dados, a fim de dimensionar a condição dos sepultados, suas origens e seus vínculos com a confraria e as características dos sepultamentos e dos rituais fúnebres dispensados aos mortos. Ademais, executou-se análise qualitativa atenta a informações significativas, reveladoras de aspectos até então desconhecidos acerca do funcionamento dessa irmandade negra.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Quadro 1 demonstra que, dentre os sepultados na capela do Rosário, predominaram majoritariamente pessoas escravizadas, muito embora indivíduos forros e livres também tenham sido atendidos. Os dados explicitam que o templo mantido pela irmandade negra serviu preferencialmente à população escravizada e egressa da escravidão residente na freguesia, função, aliás, que caracterizou em geral as demais irmandades desse tipo existentes na América Portuguesa (BORGES, 2005).

Condição	Nº	%
Escravidado (a)	109	51,6
Forro (a)	27	12,7

* Técnica em Alimentos pelo IFSULDEMINAS, Campus Muzambinho; e Graduanda em Fisioterapia pela UNIFAL.

** Doutor em História Social USP e Professor de História do IFSULDEMINAS, Campus Muzambinho.

Livre	50	23,6
Indefinida	25	11,8
TOTAL	211	100

Quadro 1. Condição dos sepultados na Capela do Rosário de Jacuí (1769-1800). Fonte: Arquivo Paroquial de Jacuí, LIVRO B-3 BATIZADOS JACUÍ Batismos, matrimônios, óbitos 1764-1814. LIVRO de Óbitos 1777-1856.

Gênero/Idade	Condição	Nº	%
Homem Adulto	Livre	23	10,9
	Forro	10	4,7
	Escravizado	54	25,5
Mulher Adulta	Livre	23	10,9
	Forra	13	6,1
	Escravizada	29	13,7
Criança Menino	Livre	14	6,6
	Forro	7	3,3
	Escravizado	16	7,5
	Exposto	1	0,4
Criança Menina	Livre	10	4,7
	Forra	3	1,4
	Escravizada	8	3,7
TOTAL		211	100

Quadro 2. Gênero/Idade e condição (livre, forro escravizado) dos sepultados na capela do Rosário de Jacuí (1769-1800). Fonte: Arquivo Paroquial de Jacuí, LIVRO B-3 BATIZADOS JACUÍ Batismos, matrimônios, óbitos 1764-1814. LIVRO de Óbitos 1777-1856.

Homens adultos escravizados formaram o grupo mais representativo, com um quarto dos óbitos, a indicar, portanto, uma maioria masculina no interior da irmandade. Sabe-se que o escravismo do século XVIII marcou-se por desproporção entre homens e mulheres, sobretudo em regiões diretamente abastecidas pelo tráfico transatlântico de trabalhadores. Inclusive a presença de meninos escravizados superou a de meninas na mesma condição. As mulheres só foram mais numerosas na condição de forras, a sugerir uma maior acessibilidade feminina no agenciamento da própria liberdade, o que também foi característica comum do escravismo mineiro. O fato de mulheres adultas livres, muitas delas filhas de mães forras, terem ocorrido em proporção idêntica à de homens adultos livres confirma a tendência, como mostra o Quadro 2. Teria a irmandade exercido papel mediador ou facilitador no alcance de alforrias em prol de seus filiados?

Em relação às origens ou procedências de forros e escravizados sepultados no Rosário de Jacuí, notou-se maior incidência de crioulos, nascidos na América Portuguesa. Todavia, a presença de indivíduos traficados também foi expressiva. A participação de africanos ocidentais superou por pouco a de centro africanos, o que não deixa de ser surpreendente. Conforme demonstra o quadro 3, a variedade e a pluralidade de etnônimos foi tendência nos registros. Os dados sugerem que a irmandade congregou em si pessoas escravizadas e forras de distintas origens geográficas e com diferentes etnônimos e procedências. Aparentemente, houve pelo menos uma segmentação interna: a Irmandade da Boa Morte, interligada à confraria principal, era considerada própria dos “pardos”. Mas não se notaram partições internas referentes aos diferentes grupos étnicos africanos.

Origem	Procedência/Etnônimo	Nº
Brasil	Crioulo (a)*	53
África Ocidental	Mina	9
	Costa	6
	Coirano	1
	Xambá	1
Total parcial		17

África Centro - Ocidental	Angola	4
	Benguela	5
	Congo	4
	Monjolo	1
	Massango/Mossango	1
Total parcial		15
África (região incerta)	Guiné	14
	Cabundá	1
Incógnita		36
TOTAL GERAL		136

Quadro 3. Procedência de escravizados e forros sepultados na Capela do Rosário em Jacuí (1769-1800). Fonte: LIVRO B-3 BATIZADOS JACUÍ Batismos, matrimônios, óbitos 1764-1814. LIVRO de Óbitos 1777-1856. Arquivo Paroquial de Jacuí. *Foram consideradas crioulas as pessoas escravizadas e forras assim qualificadas e ainda as classificadas como pardas, mulatas e cabras, designando assim a origem natalícia em diferentes pontos da América Portuguesa.

O sepultamento na capela do Rosário foi privilégio concedido, principalmente, aos irmãos associados à irmandade negra e a seus familiares diretos. A condição de pertencimento ao sodalício foi indicada em 55 óbitos (Cf. Quadro 4). A filiação à irmandade de N. S. da Boa Morte, confraria submissa e integrada à do Rosário, também justificou o usufruto da campa divina, neste caso, sobretudo, por defuntos que detinham a condição de forros e libertos. É bem verdade que os serviços funerários ofertados pelo Rosário não se restringiram aos filiados, nem tampouco à população negra ou escravizada. Diversos foram os homens e mulheres brancos e livres, alguns ilustres integrantes da classe senhorial, que vieram a encontrar descanso eterno na capela dos pretos, a exemplo de Dona Ana Nunes Cardoso, falecida em outubro de 1791, viúva do capitão Pedro Franco Quaresma, um dos sertanistas pioneiros de Jacuí; e do Guarda-mor Manuel Batista de Carvalhais, morto em 1794, que determinou em testamento o desejo de vir a ser sepultado “na capela da Senhora do Rosário”.¹

Razões	Nº	%
Por ser irmão (a) do Rosário	44	20,8
Pai/mãe é irmão/irmã do Rosário	11	5,2
Por ser irmão da irmandade de N. S. da Boa Morte	1	0,4
Por pedir (em testamento)	3	1,4
Pai/mãe é irmão/irmã da Boa Morte	2	0,9
Por esmola	1	0,4

Quadro 4. Razões para o sepultamento na capela Rosário de Jacuí (1769-1800). Fonte: LIVRO B-3 BATIZADOS JACUÍ Batismos, matrimônios, óbitos 1764-1814. LIVRO de Óbitos 1777-1856. Arquivo Paroquial de Jacuí.

A dimensão dos serviços assistenciais prestados pela irmandade é mais explícita no Quadro 5. Quase um quinto dos sepultados no Rosário receberam todos os sacramentos fúnebres. De modo isolado ou combinadamente, os sacramentos da confissão e da (extrema) unção foram dispensados a 22% dos confrades moribundos. A irmandade negra acompanhou os féretros em 24 ocasiões, mais que a décima parte dos óbitos, conforme comprova o Quadro 5. Com base nesses dados, é possível afirmar que o trabalho de assistência fúnebre desenvolvido pela confraria negra junto aos irmãos foi significativo nesse período. Como se sabe, o cuidado para com a morte dos irmãos, a atenção dada aos sacramentos e a obtenção de sepultamento digno eram preocupações reais para a população escravizada ou egressa da escravidão e constituíram serviços muito valorizados no âmbito das irmandades negras.

Sacramentos Dispensados ao Morto	Nº	%
---	-----------	----------

¹ Arquivo Paroquial de Jacuí. LIVRO de Óbitos jan-1777- abr-1856, fl. 62.

Batismo	1	0,4
Confissão	46	21,8
(Extrema) Unção	47	22,2
Sem sacramentos	27	12,7
Todos os sacramentos	36	17
Viático	1	0,4
Acompanhamentos de Corpo		
Pela confraria da Boa Morte (dos pardos)	6	2,8
Pela confraria de N. S. do Rosário dos Pretos	24	11,3
Pelo Vigário da Freguesia	7	3,3
Por outros padres	7	3,3
Indistintos	2	0,9

Quadro 5. Sacramentos dispensados ao morto e acompanhamentos de corpo nos sepultamentos realizados na capela do Rosário de Jacuí (1769-1800). Fonte: LIVRO B-3 BATIZADOS JACUÍ Batismos, matrimônios, óbitos 1764-1814. LIVRO de Óbitos jan-1777- abr-1856. Arquivo Paroquial de Jacuí.

A análise dos óbitos realizados no Rosário de Jacuí revelou ainda outras informações específicas, não quantificáveis, mas de grande importância para o entendimento da irmandade. Cite-se, por exemplo, o óbito do crioulo forro Antônio Machado de Miranda, falecido em junho de 1790, momento no qual desempenhava o papel de “atual rei” da irmandade.² Ora, como é sabido, a eleição ou escolha de rei próprio foi uma tradição das irmandades negras no Brasil e parece ter sido adotada também na congênere de Jacuí. Essa escolha ou eleição fazia-se acompanhar, em geral, por celebrações festivas que vieram a ser conhecidas, a partir do século XIX, por congadas ou outras designações específicas (SOUZA, 2006). Embora de um ponto de vista documental não seja ainda possível afiançar a existência dessas festividades em Jacuí no século XVIII, os indícios disponíveis apontam que elas de fato ocorreram no âmbito da irmandade do Rosário aqui referida.

4. CONCLUSÕES

Em síntese, o estudo realizado demonstrou que a irmandade negra de Jacuí atendeu principalmente à população escravizada e forra habitante na freguesia. O perfil majoritário dos irmãos era formado por homens adultos, crioulos escravizados, muito embora distintos grupos sociais próximos tenham integrado a confraria. Uma gama variada de africanos escravizados e forros, de diferentes partes da África, também foi acolhida. Apesar de centrada no atendimento direto aos confrades, a instituição também esteve atenta aos familiares diretos, sobretudo aos filhos e filhas. Houve uma segmentação interna, a irmandade da Boa Morte, aparentemente formada por pardos ou por forros. A dimensão dos serviços fúnebres prestados atestou a importância social da irmandade na proteção e assistência aos irmãos negros.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Célia Maia. *Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais no século XVIII*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.
- FURIN, Vitória Braghini; SANTOS, Maysa C. F.; ALONSO, Paula H. D. “A escravidão nos sertões do Jacuí: análise dos registros paroquiais da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Jacuí (1762-1776)”, *11ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS & 8º Simpósio de Pós-Graduação*. Inconfidentes, 2019. Disponível na internet. Endereço eletrônico: jornada.ifsulde Minas.edu.br/index.php/jcinc1/jcinc1/paperviewFille4901/4059. Acesso: 4 de jul. 2020.
- GASPAR, Tarcísio de Souza. “A escravidão em Cabo Verde, em Muzambinho e em outras localidades da Freguesia de N. S. da Assumpção na segunda metade do século XVIII”. *Anais do I Colóquio de História Local e Regional*. Muzambinho, 2017 (a). No Prelo.
- SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista: história da festa de coroaçãode Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.